
A 'FÉ EM DEUS' DO BRASILEIRO: DA MATERIALIDADE LINGÜÍSTICA AO RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA, UMA PROPOSTA PARA A AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

LA "FE EN DIOS" DEL BRASILEÑO: DE LA MATERIALIDAD LINGÜÍSTICA AL RESPETO POR LA DIVERSIDAD RELIGIOSA, UNA PROPUESTA PARA LA CLASE DE PORTUGUÉS

Célia Regina Rodrigues Gusmão¹

Professora do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB)
Doutoranda em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO

Este trabalho descreve as principais expressões coloquiais brasileiras do campo semântico religioso. A partir da constatação a respeito da materialidade da língua e das características marcantes da sociedade brasileira em sua relação com a fé e as crenças, faz-se uma proposta de atividade de Língua Portuguesa direcionada a estudantes de Ensino Fundamental do 2º ciclo. O objetivo geral é promover uma reflexão sobre a Pluralidade Cultural, para atingir o objetivo específico: uma possibilidade de abordagem didático-pedagógica sobre a diversidade religiosa brasileira. Como embasamento teórico, da historiografia da religião, adere-se ao conceito de *feira mística* (PFEFFER, 2017), da Análise do Discurso, às noções de *memória discursiva* (COURTINE, 1981), *interdiscursividade* e *sujeito* (MAINGUENEAU, 2015).

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Pluralidade Cultural. Religiosidade Brasileira. Análise do Discurso.

RESUMEN

Este trabajo describe las principales expresiones coloquiales brasileñas del campo semántico religioso. A partir de la observación sobre la materialidad de la lengua y las características notables de la sociedad brasileña en su relación con la fe y las creencias, se hace una propuesta de actividad de Lengua Portuguesa dirigida a alumnos del 2º ciclo de enseñanza básica. El objetivo general es promover una reflexión sobre la Pluralidad Cultural, para alcanzar el objetivo específico: una posibilidad de abordaje didáctico-pedagógico sobre la diversidad religiosa brasileña. Como base teórica, de la historiografía de la religión, adherimos al concepto de *feira mística* (PFEFFER, 2017), del Análisis del Discurso, a las nociones de *memoria discursiva* (COURTINE, 1981), *interdiscursividad* y *sujeto* (MAINGUENEAU, 2015).

Palabras clave: Enseñanza de la Lengua Portuguesa. Pluralidad Cultural. Religiosidad Brasileña. Análisis del Discurso.

Considerações iniciais

Muitos dos conflitos que acontecem no mundo, ainda hoje, envolvem crenças e doutrinas, que se mesclam a uma complexa rede de fatores políticos, econômicos, raciais e

¹ e-mail: celiarep@gmail.com

étnicos. Afeganistão, Iraque, Israel, Nigéria, Sudão, Tailândia são alguns dos países que protagonizaram enfrentamentos por motivos religiosos nas últimas décadas.

Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a qual todos os países-membros²² se comprometeram ao respeito universal e à observância dos direitos humanos e liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. Portanto, dentre as preocupações a respeito dos fatores potenciais para o desenvolvimento de uma guerra, incluem-se os fatores religiosos.

No Brasil, esse tema ganhou relevância devido ao aumento do número de ataques a integrantes de religiões de matriz africana. Em 2007, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa foi instituído pela Lei Federal nº 11.635, no dia 21 de janeiro, como parte do calendário cívico de comemorações oficiais da União.

No entanto, o arcabouço legal não é suficiente para garantir que o respeito e a tolerância aconteçam de fato. Em meio a uma sociedade tão repleta de singularidades como a brasileira, a escola tem função primordial a desempenhar. Formar cidadãos conscientes de seu papel e do respeito que devem ter às diferenças é um complexo desafio para o sistema educacional. A fim de padronizar conteúdos em todo o território nacional, para alcançar esse e outros objetivos, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) estabelece quais competências gerais e específicas devem ser priorizadas pelos currículos de cada ciclo, sendo um referencial a partir do qual o/a professor(a) deve pautar suas práticas.

Na Área de Linguagens, da qual faz parte o componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC preconiza o desenvolvimento de competências gerais e específicas para o Ensino Fundamental, sendo a 3ª e a 5ª competências específicas as que estão diretamente relacionadas esta proposta. A 3ª prevê a utilização de diferentes linguagens para a partilha de informações e ideias que levem à produção de sentidos para a promoção do diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação. A 5ª preconiza o desenvolvimento de senso estético para o reconhecimento e o respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas, com um trabalho que envolva desde as manifestações locais às mundiais.

Além das linguagens, a Base também prevê o Ensino Religioso, a fim de promover o direito à liberdade de consciência e de crença e o respeito às manifestações religiosas de diferentes culturas e sociedades a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção.

²²Atualmente, é composta por 193 países.

Assim, a escola deve trazer luz às questões que envolvem discriminação e preconceito, para, por meio da Educação, colaborar com o papel do Estado na proteção e na promoção das identidades étnicas, culturais, linguísticas e religiosas.

Diante desse desafio, este trabalho tem por objetivo específico subsidiar ao/à professor(a) de Língua Portuguesa (LP) do segundo ciclo do Ensino Fundamental, 7º e 8º anos, atividades que promovam a reflexão sobre dois aspectos bastante presentes na cultura brasileira: a fé e a religiosidade e, conseqüentemente, o respeito às diferenças.

Dessa forma, este artigo compõe-se de 5 partes, a saber: a primeira, na qual se faz uma breve descrição a respeito de como a religiosidade e a fé se configuram na sociedade brasileira, com base no conceito de *feira mística* (PFEFFER, 2017) e *outro mundo* (DaMatta, 2004); a segunda, composta pela descrição de expressões linguísticas, sobretudo do português falado no Brasil, relacionadas ao campo semântico em estudo; a terceira, sobre os conceitos teóricos referentes à proposta didática, a saber: *memória discursiva* (COURTINE, 1981), *interdiscursividade* e *sujeito* (MAINGUENEAU, 2015); a quarta, na qual estão as atividades sugeridas aos docentes de LP; e a quinta, com as considerações finais.

A fé e a religiosidade brasileiras

O brasileiro é marcadamente religioso e isso se reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do *ethos* da cultura brasileira. (ANDRADE, 2009, p. 109)

A sociedade brasileira relaciona-se com o sagrado de forma bastante única e singular, tendo um perfil multirreligioso. Essa relação é marcada por assimilações e práticas sincréticas, fator fortemente ligado ao encontro das três principais culturas que estão na base inicial da nossa sociedade: as crenças ameríndias, o catolicismo ibérico e as manifestações de origem africana. Pfeffer (2017, p. 38) afirma que o pluralismo e o sincretismo religiosos formam uma verdadeira “feira mística” que mescla tradições e crenças:

Somos um País híbrido, o que nos dá identidade e o que pode ser nossa contribuição específica para o mundo. Aprendemos a fundir códigos de uma maneira alegre e festiva, o que gerou uma profunda confraternização de valores e sentimentos das culturas religiosas que compuseram o País. (PFEFFER, 2017, p. 50)

A trajetória do catolicismo como religião oficial, no Brasil, inicia-se desde a chegada dos colonizadores portugueses, que trouxeram consigo o objetivo de expandir a fé católica. Mesmo antes da Independência da Colônia e da formação do Estado brasileiro, era essa a

religião permitida, algo que só mudaria posteriormente. “Com a Proclamação da República, em 1889, foi garantida a liberdade religiosa no país em decorrência da laicização do Estado. No entanto, no Código Penal de 1890, o espiritismo foi criminalizado em meio a esse processo de secularização” (GOMES, 2013). Da mesma forma, as práticas de curandeirismo e magia foram criminalizadas. Resquícios dessa proibição persistiram até 1985. Assim, as religiões incluídas nessas categorias tiveram que se enquadrar em algo que fosse considerado legítimo para coexistir, justificando o sincretismo.

De acordo com Andrade (2009, p. 109):

a mescla e o entrelaçamento entre crenças e sistemas religiosos de tradições distintas (católica, judaica, reformada, pagã, indígena e africana), ao longo dos cinco séculos no Brasil produziram diversos arranjos de experiências sincréticas que se mantêm como característica do comportamento religioso brasileiro. Tal comportamento tomado individualmente e historicamente seria facilitado por uma atitude política da igreja católica de transigência em relação a esses fluxos, dada às dificuldades enfrentadas no processo de catequese.

Da Matta (2004) chama a atenção para o fato de que há sempre um elo pessoal nessa relação, que se funda na simpatia e na lealdade dos entes terrenos e sagrados, materializada pelos sacrifícios, promessas, oferendas, despachos, súplicas e milagres. Para o antropólogo, os brasileiros acreditam na existência de “outro mundo” onde todos seriam: “reconhecidos como pessoas e, ao mesmo tempo, leis universais – como a lei da generosidade e a do eterno retorno: quem dá recebe e quem faz algum mal recebe de volta esse mal – seriam válidas para todos” (DAMATTA, op. cit., p. 68). Nesse lugar, o valor seria medido pela fé e pela sinceridade de cada um.

Portanto, toda essa herança no campo da fé e da religiosidade se reflete em uma característica bastante peculiar, pois, mesmo sem optar pelo pertencimento a uma religião específica, o brasileiro acredita em uma força superior. É o que revela o *Global Religion 2023*, publicado pelo Instituto Ipsos³, segundo o qual o Brasil se situa no topo do ranking de países onde mais se acredita em Deus. De acordo com a pesquisa realizada em 26 países, o País teve 89% de participantes que afirmaram acreditar em Deus ou em um poder superior e apenas 5% afirmado não acreditar, conforme figura 1. Logo, cerca de 9 em cada 10 brasileiros têm a convicção de que a vida é regida por uma entidade maior.

³Empresa de pesquisa e de inteligência de mercado fundada na França em 1975, presente em 87 países, incluindo o Brasil. O estudo é fruto de pesquisa online, realizada com 26 países por meio de plataformas, entre os dias 20 jan e 3 .de fev. de 2023. Foram entrevistados 19.731 adultos, sendo 1.000 deles no Brasil.

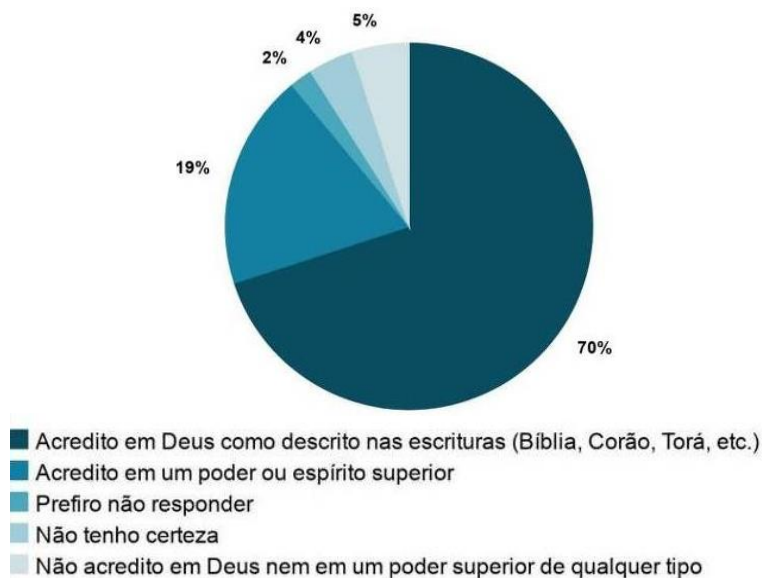


Figura 1 – Gráfico sobre a crença em Deus do brasileiro

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/05/por-que-brasil-esta-no-topo-de-ranking-de-paises-onde-mais-se-acredita-em-deus.shtml> Acesso em: 24 maio 2023.

Ainda, de acordo com a análise do Instituto Ipsos, existe uma explicação para esse alto índice: nos países laicos, onde não há uma religião oficial, a vida religiosa tende a ter maior importância para a população onde o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é menor ou onde há grande índice de desigualdade. Nesses locais, a religião supriria a ausência do Estado, trazendo consolo e, muitas vezes, assistência material. Por outro lado, também poderia ser usada como forma de manipulação e ferramenta de poder.

A tese que defendemos, neste estudo, refere-se ao reflexo de toda essa crença na língua. Mesmo quem não é ou se considera religioso faz uso de expressões e locuções coloquiais compostas por palavras relacionadas ao léxico religioso ou sagrado. Na nossa visão, essas expressões linguísticas são um reflexo da memória⁴ construída pela herança colonial.

Expressões coloquiais brasileiras do campo semântico religioso

O aspecto lexical da língua é considerado o retrato da cultura de um povo, refletindo aspectos vinculados às experiências sociais e culturais de uma comunidade, pois, ao escolher formas linguísticas para nomear os referentes do mundo físico e do universo simbólico, o indivíduo revela não somente a sua percepção da realidade, mas compartilha valores, práticas culturais e crenças do grupo social em que se enquadra. (COSTA, 2021, p. 45)

A escolha do campo semântico da fé e das crenças foi motivada pela possibilidade de analisar como essa forma de perceber o divino se reflete nas expressões linguísticas usadas pelo

⁴ Conceito que será desenvolvido na seção sobre os conceitos da Análise do Discurso.

brasileiro. Sendo a língua fruto da identidade e da cultura de um povo, há aspectos que denotam essa relação de fé em Deus e/ou de ligação com a espiritualidade do brasileiro. Um exemplo simples nos ajuda a corroborar a tese sobre essa característica. Trata-se do uso de emojis, a linguagem pictórica de mensagens da rede social *WhatsApp*.

Em seu país de origem, o Japão, o emoji composto por duas mãos espalmadas unidas (figura 2a) refere-se ao ato de agradecer ou a um pedido de favor ou de desculpas⁵. Em alguns países, também se usa como o ato de “toque aqui” (*high-five*). No Brasil (não apenas), é usado para representar oração, prece ou fé.

Outro símbolo que assumiu um uso diferente, no Brasil, é o que representa duas mãos abertas, levantadas no ar (figura 2b). Originalmente, referia-se à celebração do sucesso de algo ou situações festivas, mas, aqui, é usado para denotar desejo de que algo ocorra ou fé na ocorrência de algo.



Figura 2 – Emojis que ganharam nova interpretação no Brasil

Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160418_emojis_significados_fn Acesso em 24 maio 2023

Para além, observa-se o uso frequente de expressões linguísticas compostas pelo substantivo Deus⁶ ou por algum outro termo relacionado ao sagrado. Na tabela 1, a seguir, listamos 20 (vinte) dessas expressões. Não incluímos as que se referem ao nome de santos católicos, pois o objetivo não é quantificar todas elas (o que seria impossível), mas sim mostrar aquelas que são de emprego generalizado na sociedade brasileira. Em uma simples busca na internet, pode-se constatar que várias dessas expressões existem tanto na Língua Portuguesa do aquém quanto do além-Atlântico. Portanto, mesmo que, atualmente, o uso seja generalizado entre os brasileiros, independentemente de serem adeptos ou não a uma religião, essas expressões refletem um passado fortemente marcado pelo catolicismo ibérico.

Tabela 1 – Expressões compostas pelo substantivo ‘Deus’ ou elementos sagrados

Expressão com valor interjetivo ou adverbial	Conotação
(1) Vai com <i>Deus</i> !	despedida
(2) Se <i>Deus</i> quiser! Queira <i>Deus</i> !	desejo, vontade
(3) Deus é pai!	proteção

⁵ Conforme https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160418_emojis_significados_fn Acesso em 24 maio 2023.

⁶ Na Língua Portuguesa, quando o substantivo se refere à divindade das religiões monoteístas, como o cristianismo, judaísmo e islamismo, é substantivo próprio e se escreve com letra maiúscula, o que parece confirmar a hipótese de importância decorrente da tradição religiosa.

(4) Meu <i>Deus!</i>	espanto, surpresa
(5) Graças a <i>Deus!</i>	alívio, agradecimento
(6) Sabe <i>Deus</i> quando!	incerteza
(7) Só <i>Deus</i> sabe.	incerteza
(8) <i>Deus</i> me livre (e guarde)!/me defenda!	proteção, aversão
(9) Pelo amor de <i>Deus!</i>	súplica
(10) Valha-me/valei-me <i>Deus!</i>	proteção
(11) Juro por <i>Deus!</i>	verdade
(12) Ao <i>Deus</i> dará.	desamparo, falta de sorte
(13) Fica/Fique com <i>Deus!</i>	despedida
(14) <i>Deus</i> te crie!	proteção
(15) Creio em <i>Deus</i> Pai!	medo, pedido de proteção
(16) Jesus (Cristo)!	espanto, surpresa
(17) Jesus, Maria e José!	espanto, surpresa
(18) Minha nossa (senhora)!	espanto, surpresa
(19) Virgem Santa!	espanto, surpresa
(20) (Cruz) credo!	medo, repugnância, nojo

Fonte: elaborada pela autora.

Ademais, no *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras*, Mello (2009, p. 187-188) descreve fraseologias compostas pelo mesmo substantivo, com diferentes conotações, totalizando 17 (dezessete) frases ou ditados populares, a saber:

Tabela 2 – Frases compostas pelo substantivo ‘Deus’

Frases ou ditado popular	Conotação
Deus ajuda a quem cedo madruga	recompensa
Deus dá a canga conforme o pescoço	conformidade, aceitação
Deus dá a cruz conforme o ombro	conformidade, aceitação
Deus dá nozes a quem não tem dentes	inveja
Deus dá o frio conforme o cobertor	conformidade, aceitação
Deus é brasileiro	fé, proteção, esperança
Deus é grande	fé, proteção, esperança
Deus e o mundo (Ex: Falou mal de você para <i>Deus e o mundo</i>)	abrangência
Deus é pai, não é padrasto	fé
Deus é quem sabe	incerteza
Deus escreve certo por linhas tortas	conformidade, aceitação
Deus me defenda dos amigos, que dos inimigos me defendo eu	desconfiança
Deus me/te/o/nos livre	proteção, aversão
Deus não dá asas à cobra	livramento do mal
Deus não joga, mas fiscaliza	fé, proteção
Deus no céu e alguém (ou algo) na terra	demonstração de apreço
Deus queira	desejo, vontade

Fonte: elaborada pela autora, com base em MELLO, 2009.

Conforme mencionado anteriormente, constatam-se inúmeras expressões que citam o nome de santos católicos, mas esse não foi o nosso foco. No entanto, como reforço à nossa tese de reflexo no léxico da crença e da fé, cabe mencionar o fato de haver um “santo” fictício no linguajar criativo: “São Nunca”. O santo mencionado por aqueles que querem adiar

compromissos refere-se a um dia inexistente, que nunca irá ocorrer, muito bem explorada na canção do cantor Zeca Baleiro: Dia de São Nunca.

Observa-se que, em sua maioria, as expressões elencadas nas tabelas 1 e 2, fazem referência ao sagrado para denotar sentimentos, emoções e circunstâncias, sem caráter pejorativo. Em campo semântico com conotação diametralmente oposta, ou seja, com tom pejorativo e irônico, está a expressão “*chuta que é macumba!*”. Além do tom de deboche, tem uma carga semântica preconceituosa, considerada como uma expressão que denota intolerância às religiões de origem africana. Da mesma forma, “*volta para o mar oferenda!*” é expressão repleta de ironia, com sentido pejorativo.

A carga semântica que envolve o uso dessas expressões faz parte de uma memória discursiva, sendo repleta de ideologia, marcada por um contexto histórico em que, durante muito tempo, havia uma religião oficial, enquanto outras estiveram à margem da sociedade. O conceito de *memória discursiva* será detalhado a seguir.

Memória discursiva, Sujeito e Interdiscursividade

Como campo da Linguística que se detém nas construções discursivas, nos contextos sociais de sua produção e no sujeito discursivo, a Análise do Discurso (AD) está diretamente relacionada a este estudo. A partir dela, será possível responder a questões como: quem enuncia, o que enuncia, para quem enuncia e em que condições o faz, revelando os papéis sociais e as ideologias subjacentes em um discurso.

Partiremos de dois conceitos básicos da AD: *memória discursiva* e *Formação Discursiva* (FD). Ambos estão interligados. O primeiro diz respeito ao suporte semântico, “à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos” (COURTINE, 1981, p. 53).

Uma memória vai se estabelecendo socialmente, conforme os sentidos são retomados, quer se tenha consciência disso ou não. Ela será formada a partir da repetição e da cristalização de discursos e de situações. É, portanto, mais do que aquilo que permanece na lembrança, é uma reconstrução dos sentidos daquilo que se disse anteriormente. Diante de um texto, por exemplo, a memória discursiva restabelece os implícitos, os elementos pré-construídos, os lugares-comuns.

Por sua vez, a FD refere-se ao conjunto de enunciados ou textos, os espaços discursivos em que os discursos originados de diferentes lugares sociais, em diferentes momentos históricos, se entrecruzam. Tanto a memória discursiva quanto a FD se relacionam às práticas

sociais, legitimando aquilo que pode ou não pode ser dito. Rememorando Pêcheux, os sentidos das palavras são determinados pela FD:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 2009, p. 14)

Logo, o sentido é construído de acordo com os discursos. Assim, cabe lembrar as noções de texto e de discurso. Para a AD, um texto é a materialidade discursiva. Faz parte de uma rede, pois, na tessitura dessa unidade de análise, estão presentes visões e apreciações anteriores. Portanto, compõe-se pela heterogeneidade discursiva, pelo Interdiscurso, pela presença de diversos discursos, produzido em um contexto sócio-histórico. Quanto ao discurso, destacam-se três características: (1) a de ser assumido por um sujeito: “o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário” (MAINGUENEAU, 2015, p. 27); (2) a de adquirir sentido somente no interior de um interdiscurso; e (3) a de construção social do sentido.

Em outras palavras, um discurso é tecido na *interdiscursividade*, isto é, composto por várias vozes, diversas fontes enunciativas, não sendo homogêneo tampouco neutro, tendo em vista o fato de carregar valores, crenças e sentidos diversos, marcados pelos já ditos, implícitos, lugares-comuns etc.

Por fim, importa ressaltar a diferenciação entre indivíduo e sujeito discursivo. Em um discurso, o que emerge é o sujeito social, porta-voz de uma formação ideológica específica, não o indivíduo completamente dono do seu dizer. Dessa forma, os sujeitos são heterogêneos, não apenas falam de um lugar social que integra um campo ideológico, mas também são clivados (divididos) pelo consciente e pelo inconsciente.

Na atividade proposta a seguir, essas categorias de análise serão abordadas, não com a mesma terminologia teórica, devido à adequação ao público-alvo: alunos de 9º ano.

Proposta de Atividades

Objetivos:

- observar a relação entre textos e discursos neles veiculados;
- analisar vozes explícitas e implícitas nos textos selecionados;
- analisar a importância dos sujeitos na construção da argumentação;
- refletir sobre o respeito às diferenças religiosas.
- reconhecer o direito à liberdade de consciência, crença ou convicção, questionando concepções e práticas sociais que violam essa liberdade.

A atividade de leitura sugerida é composta por 6 textos: uma letra de música, um meme, um texto informativo (matéria de jornal), duas tirinhas e uma charge. Para que seja feita a abordagem completa dos temas propostos, sugere-se que o/a professor(a) utilize, ao menos, seis tempos (45/50 minutos) de aula.

Para iniciar a contextualização do tema, sugere-se a análise da letra da música “Fé em Deus. O objetivo da atividade é fazer com que os alunos reconheçam a característica marcante do povo brasileiro: a fé. Antes de apresentar a letra, é importante abordar o título, fazendo o levantamento de hipóteses a respeito do tema a ser abordado. É provável que os alunos associem o título a uma canção religiosa. Para quebrar essa expectativa, após a participação dos alunos, pode-se comentar que se trata de um samba, cantado por Diogo Nogueira. A análise da letra pode ser acompanhada da audição da música, o que tornará a atividade mais agradável.

Texto 1

Fé em Deus (Diogo Nogueira) Composição: Flávio da Silva Gonçalves

A luta está difícil, mas não posso desistir
Depois da tempestade, flores voltam a surgir
Mas quando a tempestade demora a passar
A vida até parece fora do lugar
Não perca a fé em Deus, fé em Deus
Que tudo irá se acertar
Pois o sol de um novo dia vai brilhar
E essa luz vai refletir na nossa estrada
Clareando de uma vez a caminhada
Que nos levará direto ao apogeu
Tenha fé, vá na fé, nunca perca a fé em Deus

Refrão:

Pra quem acha que a vida não tem esperança
Fé em Deus
Pra quem estende a mão e ajuda a criança
Fé em Deus
Pra quem acha que o mundo acabou
Pra quem não encontrou um amor

Tenha fé, vá na fé
Nunca perca a fé em Deus

Pra quem sempre sofreu e hoje em dia é feliz
Fé em Deus
Pra quem não alcançou tudo que sempre quis
Fé em Deus
Pra quem ama, respeita e crê
E pra aquele que paga pra ver
Tenha fé, vá na fé
Nunca perca a fé em Deus

Aquilo que não mata só nos faz fortalecer
Vivendo aprendi que é só fazer por merecer
Que passo a passo um dia a gente chega lá
Pois não existe mal que não possa acabar
Não perca a fé em Deus, fé em Deus
Que tudo irá se acertar

Pois o sol de um novo dia vai brilhar
E essa luz vai refletir na nossa estrada
Clareando de uma vez a caminhada
Que nos levará direto ao apogeu
Tenha fé, vá na fé, nunca perca a fé em Deus

Questões

- (1) O “sujeito que fala” no texto pode ser considerado como alguém (liste alguns adjetivos possíveis): _____
- (2) Você percebeu que há diferentes formas desse sujeito se aproximar do seu ‘ouvinte’: uso do “eu” e do “nós” (1ª pessoa), uso da 2ª pessoa (você, tu) e uso da 3ª pessoa. Identifique-as no texto e comente se há diferença nos efeitos produzidos.
- (3) Na temática abordada, são citadas diferentes situações vivenciadas pelas pessoas ao longo da vida. Alguma dessas situações já foi vivenciada por você ou por alguém próximo? Comente.
- (4) Os trechos a seguir fazem referência a citações famosas. Você as conhece? Comente o que significam no texto.
“Depois da tempestade, flores voltam a surgir” (1ª estrofe)
“Aquilo que não nos mata só nos faz fortalecer” (4ª estrofe)
- (5) A letra da canção de Diogo Nogueira revela qual característica marcante sobre o brasileiro? Você se lembra de alguma expressão (lingüística) associada a essa característica?

Comentários: (1) O sujeito que fala pode se considerado alguém otimista, persistente, religioso, crente (aquele que acredita), paciente etc. (2) Esse sujeito se refere ao seu “ouvinte” de diferentes formas. Quando fala da sua experiência, usa o “eu” (1ª pessoa sg.); quando quer

se aproximar do ouvinte, usa “nós” ou “a gente” (1ª pessoa pl.); quando quer citar situações observadas, usa a 3ª pessoa. O uso da primeira pessoa provoca a adesão do ouvinte. Também, quando cita as diversas situações vivenciadas pelos outros, o sujeito também provoca adesão à sua mensagem de fé e esperança, pois alguma delas terá sido experimentada também pelo seu ouvinte. (3) As situações observadas são todas referentes a problemas e desafios (luta, tempestade, sofrimento, mal). Os alunos podem comentar suas vivências. (4) As duas citações são bastante conhecidas. A primeira refere-se a um conhecido versículo bíblico: “Depois da tempestade vem a bonança” (Salmo 126). A segunda é uma frase do filósofo Friedrich Nietzsche: “Aquilo que não nos mata, nos fortalece”. Ambas fazem referência a momentos desafiantes. (5) O brasileiro tem bastante fé em Deus. Caso os alunos não se lembrem de nenhuma expressão, o/a docente poderá mencioná-las: Se Deus quiser, Deus é pai! etc.

Texto 2



Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/03/ee/61/03ee61d0fe3fbfdffccb3d221c6eab8.jp> Acesso em 24 maio 2023.

Questões

- (1) Quem está representado na imagem?
- (2) O texto dialoga com o quê?
- (3) Qual é o sentido do humor produzido neste meme?
- (4) Qual crítica está implícita na frase “não quero”?

Comentários: O meme apresenta uma imagem de Deus com a frase que seria uma resposta aos seus fiéis. O humor do meme consiste nessa resposta fictícia às inúmeras frases/situações que atribuem a Deus a responsabilidade pelos fatos ocorridos ou pelas vontades. A crítica implícita é que muitas pessoas acabam diminuindo suas responsabilidades e colocando a “culpa” pelos seus atos na vontade de Deus. Antes de responder às perguntas, caso os alunos não associem o meme a nenhuma fala, o docente poderá mostrar o exemplo a seguir (meme 2).



Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/se-deus-quiser-esse-ano-eu-vou-namorar-nao-quiero-lqOfA2ir6> Acesso em 24 maio 2023.

Texto 3

Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus

“Vai com Deus.” “Graças a Deus!” “Deus me livre.” “Pelo amor de Deus!” “Só Deus sabe...” Deus está sempre na boca do brasileiro, um povo que vive em um país de maioria cristã onde cultura e fé estão intimamente ligadas —das altas esferas de poder ao cotidiano do cidadão comum— e no qual a vida religiosa muitas vezes preenche lacunas deixadas pelo Estado.

Esses são alguns dos fatores que explicam por que o Brasil se destaca quando o assunto é espiritualidade. Quase nove em cada dez brasileiros dizem, por exemplo, acreditar em Deus, segundo a pesquisa *Global Religion 2023*, produzida pelo instituto Ipsos.

O índice de 89% de crença em um poder superior coloca o Brasil no topo do ranking de 26 países elaborado pelo Ipsos, com base em uma plataforma online de monitoramento que coleta informações sobre o comportamento destas populações.

O Brasil aparece empatado com África do Sul, que teve os mesmos 89%, e Colômbia, com 86% — um empate técnico dada a margem de erro de 3,5 pontos percentuais da pesquisa. Holanda (40%), Coreia do Sul (33%) e Japão (19%) foram os países onde a população menos crê em Deus ou em um poder superior, de acordo com a pesquisa.

A *Global Religion 2023* é baseada em dados coletados entre 20 de janeiro e 3 de fevereiro, com 19.731 entrevistados, aproximadamente mil deles no Brasil. Não há países islâmicos na amostra, embora pessoas que seguem o islamismo tenham sido consultadas.

Entre os países pesquisados, o Brasil ficou 28 pontos percentuais acima da média na crença em Deus, que foi de 61%. “No cotidiano brasileiro, as pessoas falam em Deus o tempo todo, é algo comum e normal, e é estranho se alguém reage de forma negativa a isso”, diz Ricardo Mariano, sociólogo da Religião e professor da Universidade de São Paulo.

Mariano ressalta que o Brasil costuma se destacar em pesquisas internacionais sobre religiosidade e fé porque a crença em Deus e a espiritualidade estão profundamente intrincadas na nossa cultura, mesmo entre quem não tem compromisso com nenhuma religião específica.

De acordo com a pesquisa do Ipsos, 70% dos brasileiros disseram que acreditam em Deus como descrito em escrituras religiosas, como a Bíblia, o Alcorão, a Torá, entre outros, e 19% acreditam em uma força superior, mas não em Deus como descrito em textos religiosos. Cerca de 5% dos brasileiros disseram não acreditar em Deus ou em um poder maior, 4% afirmaram que não sabem e cerca de 2% preferiram não responder.

“São dados que estão de acordo com nosso histórico de um país onde a religião e a religiosidade têm uma predominância tanto na cultura e na vida cotidiana quanto nas esferas de poder”, diz Helio Gastaldi, diretor de opinião pública da Ipsos no Brasil.

“A religião é uma força fundamental no Brasil desde a época da colonização dos portugueses. O catolicismo é a religião que nos foi imposta pelos portugueses e vai ter um papel central nas identidades nacionais”, afirma a professora de sociologia da religião Nina Rosas, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Entre os países laicos, onde a religião é separada do Estado e não há uma religião oficial, a vida religiosa tende a ter maior importância para a população onde o PIB per capita (riqueza de um país em relação à quantidade de habitantes) é menor ou onde há grande índices de desigualdade, aponta Gastaldi.

“São locais onde a religião de certa forma supre a ausência do Estado. Ela traz perspectiva, consolo, às vezes até assistência material — mas também pode ser usada como forma de manipulação e ferramenta do poder”, diz Gastaldi.

Na pesquisa do Ipsos, por exemplo, 90% responderam que acreditar em Deus ou forças superiores ajuda a superar crises, como doenças, conflitos e desastres.

O catolicismo sempre operou no Brasil como uma espécie de extensão do Estado, mesmo depois da Proclamação da República, afirma Rosas. Ao mesmo tempo, havia uma forte perseguição a outras religiões, explica a pesquisadora - o Código Penal de 1890, por exemplo, criminalizava magia, espiritismo e curandeirismo. Havia resquícios disso na legislação até 1985, aponta Rosas.

“Então as religiões mediúnicas, tanto espiritismo quanto as de matriz africana, tiveram que se adaptar a essas pressões tentando se enquadrar em algo que era considerado legítimo”, diz Rosas. Isso gerou o surgimento de um sincretismo religioso que ultrapassa as barreiras das religiões individuais.

“Apesar da opressão da colonização ter vindo embutida com a religião para o Brasil, na forma da religião imposta, de certa forma o povo soube separar Deus do missionário e ficou com a figura de Deus”, afirma Fernando Altemeyer, professor do departamento de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Altemeyer avalia, ainda, que o alto índice de crença em Deus verificado pela pesquisa do Ipsos também é provavelmente influenciado pelo contexto imediato da vida pós-pandemia no Brasil, que foi especialmente atingido pela covid-19 e onde o governo foi criticado pela falta de resposta adequada ao problema.

Adaptado de: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o> Acesso em 22 maio 2023.

Questões

- (1) Comente sobre as porcentagens reveladas pela pesquisa da Ipsos. Quais países estão no topo e quais países não estão?
- (2) Você é capaz de responder à pergunta do título: Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus? Comente sobre as possíveis razões para o resultado da pesquisa?
- (3) Quem fez as afirmações a seguir? São profissionais que têm “autoridade” para fazê-las? De onde são esses profissionais? Comente se há informações implícitas nestas citações.

- “No cotidiano brasileiro, as pessoas falam em Deus o tempo todo, é algo comum e normal, e é estranho se alguém reage de forma negativa a isso.”
- “São dados que estão de acordo com nosso histórico de um país onde a religião e a religiosidade têm uma predominância tanto na cultura e na vida cotidiana quanto nas esferas de poder.”
- “O catolicismo é a religião que nos foi imposta pelos portugueses e vai ter um papel central nas identidades nacionais”
- “Apesar da opressão da colonização ter vindo embutida com a religião para o Brasil, na forma da religião imposta, de certa forma o povo soube separar Deus do missionário e ficou com a figura de Deus”.

(4) O jornalista da BBC que escreveu a matéria fez uso dessas citações por qual razão?

(5) Comente esta fala de Rosas: “Então as religiões mediúnicas, tanto espiritismo quanto as de matriz africana, tiveram que se *adaptar* a essas *pressões* tentando se *enquadrar* em algo que era considerado *legítimo*”.

Comentários: Sugere-se que, antes de proceder à leitura com a turma, o/a professor(a) faça a leitura individual do texto na íntegra, pois há vários trechos suprimidos para reduzir a extensão e facilitar as cópias ou reprodução. Ao final da atividade, espera-se que os alunos percebam a importância da noção de sujeito, de quem fala, como fala e para quem fala. Também, que saibam a força da argumentação a partir do uso do discurso de autoridades e das informações implícitas. Ademais, espera-se que entendam os motivos que justificam uma das características marcantes de grande parte da sociedade brasileira: a crença em Deus. Respostas possíveis: (1) Os países que têm mais integrantes que acreditam em Deus são o Brasil, a África do Sul e a Colômbia. Já os países onde menos se acredita foram Holanda, Coreia do Sul e Japão. Interessante comentar sobre o desenvolvimento econômico desses países. (2) Possíveis justificativas para o resultado da pesquisa: somos um país multirreligioso. Apesar de o catolicismo ter sido religião oficial, houve sincretismo religioso e crenças foram mescladas; o contexto pós-pandemia propiciou a aproximação com Deus; a crença ajuda a superar crises e problemas; em lugares onde há muita desigualdade social, a religião supre as carências deixadas pelo Estado. (3) As diversas vozes trazidas para o texto são de especialistas sobre o tema: Ricardo Mariano, sociólogo da Religião e professor da USP; Helio Gastaldi, diretor de opinião pública do Instituto Ipsos (Brasil); Nina Rosas, professora de sociologia da religião da UFMG e Fernando Altemeyer, professor do departamento de Ciência da Religião da PUC-SP. Na primeira fala, o “é estranho” revela que quem não acredita em Deus é visto como estranho. Os ateus costumam sofrer preconceito e até discriminação. Comentar sobre isso é importante para refletir que essa é uma escolha (não ter nenhuma crença) e como tal deve ser respeitada. Na segunda e na terceira citações, a religião faz parte do cotidiano brasileiro. Diversas instituições públicas são associadas ao catolicismo, temos feriados nacionais católicos. Durante muito tempo a vida pública foi marcadamente católica. Na quarta, fica evidente que o brasileiro tem fé, independentemente da opção por uma religião. (4) Todas essas vozes trazidas para o texto corroboram a tese de que o brasileiro é um homem de fé. Não há apenas o resultado da pesquisa da Ipsos, há também diversos especialistas no assunto que a corroboram. É o discurso de autoridade. (5) A fala de Rosas refere-se ao sincretismo religioso ocorrido no Brasil quando o

catolicismo era a única religião permitida (período colonial e imperial), portanto, a única legítima. As demais, ficaram à margem.

Antes da leitura dos textos 4 a 6, é importante que o/a professor(a) saiba a respeito dos seus cartunistas. Alexandre Beck é o cartunista criador do garotinho de cabelos azuis, “Armandinho”, que se mostra preocupado com a “valorização dos Direitos e com outras questões importantes, como a preservação do meio ambiente”. Sobre sua obra, Beck comenta: “Eu não quero que meu trabalho seja visto como entretenimento, porque as tirinhas não são um fim. Elas são um meio para conscientizar as pessoas sobre questões que importam”⁷.

Por sua vez, o designer gráfico Carlos Ruas é o criador de “Um sábado qualquer”, tirinhas que têm como tema os deuses e as religiões. A respeito dessa temática, Ruas comenta: “A religião traz um conforto espiritual fantástico: responde todas as perguntas que geram angústia; desvenda e traz os segredos do universo; cria união entre pessoas com os mesmos interesses e faz você se sentir importante em participar dos “planos de divinos”. Deus é um ótimo substituto ao colo de mãe e preenche a nostalgia que sentimos quando adultos, pois nos dá a mesma sensação de sermos protegidos por alguém superior. Como negar tudo isso? Como não querer ter Deus na própria vida? Como recusar a eternidade no paraíso? Mas, para mim, acima dessas questões, há uma mais relevante ainda: acreditamos em deuses porque eles são verdadeiros ou apenas porque nos trazem conforto?”⁸

Textos 4 e 5



⁷ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/03/22/alexandre-beck-criador-do-armandinho-fala-sobre-sua-arte-e-direitos-humanos> Acesso em: 25 maio 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/materias/se-voce-vivesse-por-5-mil-anos-qual-seria-a-sua-religiao/> Acesso em: 25 maio 2023.

Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/118509441789/tirinha-original> Acesso em: 24 maio 2023.

Texto 6



Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/dia-nacional-do-combate-a-intolerancia-religiosa/>
Publicado em 21 jan 2021. Acesso em 26 maio 2023.

Após a leitura dos textos 4 a 6, sugere-se que o docente proponha aos alunos uma reflexão sobre as perguntas feitas pela personagem Armandinho e as respostas de seus pais: “E por que uma (religião) valeria mais que a outra?”; “o quanto será que as religiões, sem que a gente perceba, influenciam nas nossas opiniões e preconceitos?”; e “Não fale assim que é pecado!” Oportuno, ainda, comentar sobre as informações explícitas e implícitas nessas falas.

Espera-se que os alunos concluam que há inúmeras formas de pensar e de interpretar o divino, explicitadas pelo uso de “várias” e “milhares”. Na pergunta final do menino, percebe-se que ele se refere aos casos de desrespeito entre integrantes de religiões diferentes. Também, depende-se do texto 5 que as religiões influenciam a maneira como se analisa e percebe o mundo. A noção de “pecado”, por exemplo, existe em todas as culturas?

Sugere-se que, a partir da análise do texto 6, o/a docente promova uma pesquisa a respeito dos motivos para a criação do “Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa” no Brasil, celebrado em 21 de janeiro, ou seja, é preciso considerar os aspectos históricos dessa criação. Na imagem, seguram a faixa personagens que representam diferentes religiões (da esquerda para a direita): Iemanjá, Tupã, Ganesha, Deus, Oxalá e Jesus.

A data mencionada rememora o dia do falecimento da Ialorixá Gildásia dos Santos, conhecida como ‘Mãe Gilda’, em um terreiro na Bahia, vítima de intolerância por ser praticante de religião de matriz africana. O ataque à sua casa e as acusações de charlatanismo sofridas levaram ao seu falecimento, no dia 21 de janeiro de 2000, vítima de infarto. Assim, esse caso motivou a criação do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, como um reforço ao objetivo proposto pelo Dia Mundial da Religião (comemorado nessa mesma data desde 1949), instituído pela Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007.

Para finalizar as aulas sobre o tema, poderá ser planejada uma atividade interdisciplinar com os professores de História, Geografia, Religião (aquele que se dispuser a participar), a fim de abordar os conflitos religiosos que ocorreram no mundo motivados por intolerância religiosa, assim como os países que permitem e não permitem a liberdade de culto. Todas essas comparações permitirão concluir que é o Brasil é um país peculiar, onde é possível coexistir diferentes crenças de forma pacífica e respeitosa.

Considerações finais

Neste estudo, tivemos como objetivo geral promover a reflexão sobre a forma de ser do brasileiro no que se refere à fé em Deus e as crenças, para descrever como isso se reflete na materialidade linguística. Recordamos expressões coloquiais do campo semântico religioso, para mostrar o quanto está arraigada, na cultura brasileira, a herança católica e a memória discursiva dela decorrente. Como objetivo específico, propusemos atividades de Língua Portuguesa com textos sobre a temática das crenças do brasileiro, para propiciar aos docentes uma forma de abordagem baseada no respeito às diferenças.

Para atingir esses objetivos, na primeira seção do artigo, foi feita uma contextualização, a fim de justificar a importância do tema no cotidiano escolar. Relembramos que muitos conflitos, em diversos países, tiveram motivação religiosa. Assim, há uma preocupação do Estado brasileiro com a questão, sendo tema de abordagem nos conteúdos preconizados pela Educação Básica. É papel da escola abarcar a questão da pluralidade cultural, para contribuir com uma formação cidadã pautada no respeito às diferenças.

Na segunda parte do estudo, comentou-se a respeito de uma característica da sociedade brasileira, seu perfil multirreligioso, marcado pelo sincretismo, herança colonial. Outro aspecto relevante foi divulgado por recente pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, segundo a qual 89% dos brasileiros participantes afirmaram acreditar em Deus ou em uma força superior. Segundo a análise feita pelo Instituto, esses dados se justificam por vários fatores, sendo o principal pelo

fato de a religião ser uma forma de suprir a ausência do Estado, trazendo consolo e, muitas vezes, assistência material a seus adeptos.

Na terceira parte, ficaram evidentes diversas expressões coloquiais do campo semântico religioso, que materializam, na língua, a crença do brasileiro em Deus ou em uma força superior e toda a herança cultural mencionada. Atualmente, essas expressões tiveram seu uso cristalizado, empregadas até mesmo por quem não é adepto de nenhuma religião. Portanto, concluímos que são o reflexo de um passado distante, tendo permanecido na memória discursiva dos adeptos do catolicismo ibérico e se estendido à grande parte da sociedade.

Na quarta parte, apresentamos as atividades baseadas em textos sobre as peculiaridades da sociedade brasileira a respeito da fé e religiosidade. O objetivo foi oferecer a professores de Língua Portuguesa sugestões de como o conteúdo referente à pluralidade religiosa pode ser abordado com adolescentes, inclusive com uma proposta de desfecho interdisciplinar. Entendemos que, para alcançar o objetivo proposto, é extremamente importante haver uma abordagem docente pautada no respeito às diferentes opiniões e escolhas dos alunos, sem a imposição de uma visão e sem preconceitos, tal como se preconiza na Base Nacional Curricular Comum.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. In: *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 14, set. 2009

BRASIL, Ministério da Educação (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: Pluralidade Cultural*. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/pluralidade.pdf>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (2010); *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Geisa Borges. *Tabus linguísticos no léxico religioso: um estudo geolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. Matranga, Rio de Janeiro. v. 28, n. 52, p. 44-53, jan./abr. 2021

COURTINE, Jean-Jacques. "Analyse Du discours politique". *Languages*, n. 62, juin, 1981.

DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

GOMES, Adriana. A criminalização do espiritismo no Código Penal de 1890: as discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. In: *Revista Ágora*, Vitória, n. 17, 2013, p. 62-72. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/6082/4428/13350> Acesso em 24 maio 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MELLO, Nélon Cunha. *Conversando é que a gente se entende: dicionário de expressões coloquiais brasileiras*. São Paulo: Leya, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PFEFFER, Renato Somberg. *A feira mística brasileira*. Caminhos, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 38-51, jan./jun. 2017. Disponível em: [https://repositorio.fjp.mg.gov.br/jspui/bitstream/123456789/3394/1/A%20feira%20mística%20brasil eira.pdf](https://repositorio.fjp.mg.gov.br/jspui/bitstream/123456789/3394/1/A%20feira%20mística%20brasil%20eira.pdf) Acesso em: 24 maio 2023.

SIMAS, Luiz Antônio. *Almanaque Brasilidades: um inventário do Brasil popular*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267